

RELATO DE EXPERIÊNCIA*

Desconstruindo histórias: um olhar sobre a ancestralidade indígena no Piauí a partir do ensino de História

Francisca dos Santos Rodrigues¹

Resumo:

Este relato é fruto do Curso de Formação para Professores em História e Cultura Indígena ofertado pelo Curso de História – Campus Sudoeste: sede Quirinópolis – da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - 4º edição, o qual tem como objetivo comunicar a experiência da prática “Explorando nossas raízes: desenhando a ancestralidade indígena do Piauí”, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, na instituição da rede pública Centro de Ensino de Tempo Integral (CETI) Professor Edgar Tito, na cidade de Teresina (PI), voltada para o debate da causa indígena no estado do Piauí a partir do ensino de História. Diante disso, o trabalho justifica-se pela importância de resgatar uma narrativa indígena, que legitima a existência e a participação dos povos originários na história da sociedade piauiense, por meio de um ensino crítico, conscientizador e significativo do ensino de História.

Palavras-chaves: Ensino de História; História do Piauí; Indígenas no Piauí.

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina (PI).
fransantosrodri@gmail.com, Link Lattes : <http://lattes.cnpq.br/0938535138248184>

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 4ª ED. REALIZADO 10 DE FEVEREIRO A 13 DE ABRIL DE 2024.

Introdução:

O Piauí possui indígena? Esse questionamento decorre de um longo processo histórico de colonização iniciado durante o século XVII pelos portugueses e pelos Jesuítas no território identificado, nos dias atuais, como Piauí, marcado por violência e gerador do etnocídio dos povos originários na região. Essa indagação, muito ouvida no contexto histórico e social do estado, reflete, na contemporaneidade, uma emergência étnico-racial que enfrenta os remanescentes indígenas da sociedade piauiense.

As ações de cristianização empreendidas por Marquês de Pombal desencadearam um processo de ressignificação cultural por parte dos indígenas, que buscaram se apropriar da cultura do homem branco por temerem a escravidão e a morte. Dessa maneira, ao reprimirem suas identidades, desenvolveu-se o discurso de não existência indígena nos alicerces sociais e culturais do estado.

Associada a essa narrativa de extermínio, a Historiografia Piauiense legitima esse discurso por um longo período, pois afirma que o elemento indígena foi eliminado da sociedade piauiense (Baptista, 2017). Todavia, com o início do século XXI, a narrativa de afirmação de extermínio dos nativos vem se modificando, diante do processo de etnogênese dos povos originários no estado, além da evolução do campo historiográfico piauiense, que vem se destacando com os debates e as pesquisas produzidos nas academias, os quais aguçam e apoiam a luta pelos direitos e pelo reconhecimento dos indígenas.

Ressalta-se, desse modo, que os debates sobre a causa indígena no estado devem estar presentes não somente nas academias, mas também na educação básica, mais especificamente, no ensino de História, uma vez que a aprendizagem nessa área possui uma função social. Ademais, há, ainda, contribuições desse âmbito de estudos para a desconstrução de preconceitos que invisibilizam determinados grupos, além de produzir cidadãos críticos, conscientes da trajetória histórica e social do seu território de forma significativa (Cerri, 2011).

Partindo dessa perspectiva, no presente trabalho, objetiva-se comunicar experiências de práticas de ensino referentes ao debate da ancestralidade indígena existente na localidade, de forma reflexiva e criativa, e, de maneira mais específica, discutir o estado étnico-emergencial que se encontram os povos indígenas, por meio do contexto histórico, nos espaços escolares. Nesse sentido, realizou-se, no dia 12 de março de 2024, a atividade “Explorando nossas raízes:

desenhando a ancestralidade indígena do Piauí”, na instituição pública Centro de Ensino de Tempo Integral (CETI) Professor Edgar Tito, localizada na zona norte de Teresina, concretizando-se na disciplina de História, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, com 27 alunos, que possuem idades entre 15 e 16 anos.

A prática respaldou-se na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), partindo das habilidades EM13CHS204 e EM13CHS501, bem como da análise do currículo de História da rede de Ensino Médio do Piauí. Foi realizada, também, uma revisão bibliográfica pautada em autores piauienses, possibilitando, assim, a produção de debates, de desenhos, de textos e de poemas pelos estudantes.

Portanto, este trabalho justifica-se pela importância de resgatar uma narrativa indígena na história do Piauí, que salienta a existência dos povos originários na ancestralidade do estado, por meio do ensino crítico e conscientizador do ensino de História.

Desenvolvimento:

Diante da importância de problematizar a construção da história piauiense, sob a narrativa de extermínio indígena, e de enfatizar a ancestralidade nativa do local, buscou-se compreender as produções do processo histórico de exploração e de formação da sociedade piauiense, a partir da colonização e dos aspectos contemporâneos relacionados à discussão indígena no estado, por meio da revisão bibliográfica de autores como Baptista (2017), Machado (2002), Gomes (2020), entre outros.

Após a compreensão das especificidades da narrativa étnica no território, realizou-se uma análise das diretrizes curriculares do ensino de História presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio e na grade do Currículo do Novo Ensino Médio do Piauí. Isso porque, para planejar a atividade na instituição CETI Professor Edgar Tito, tornou-se relevante o conhecimento das pontuações da temática contidas nesses documentos. Logo, foi possível corroborar, conforme a BNCC, a relevância do indivíduo ser capaz de analisar os diferentes processos de formações territoriais, assim como a diversidade étnico-cultural que o permeia.

No entanto, ao observar o Currículo do Novo Ensino Médio do Piauí, percebeu-se a invisibilidade da história e, por sua vez, dos conhecimentos acerca dos povos originários na construção dos conteúdos do ensino de História. De forma mais específica, nos conteúdos de

2º ano do Ensino Médio, que se encontram, em sua maioria, baseados em ideias eurocêntricas, sem relações com o cotidiano do estudante, negligenciando o vínculo da história local com temáticas como territorialidade e forças de poder.

Em meio a essa problemática, optou-se pela prática da atividade “Explorando nossas raízes: desenhando a ancestralidade indígena do Piauí”, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio da rede estadual, na qual a atividade objetivou, de forma geral, discutir as raízes e as ancestralidades indígenas existentes no Piauí. E, de modo específico, apontar costumes e hábitos desses povos no modo de vida piauiense, desenvolver de forma criativa o estudo das raízes nativas no estado, além de refletir sobre a existência desses grupos no contexto histórico e social piauiense, por meio da produção de desenhos, de textos e de poemas.

A produção de desenhos, de textos e de poemas pelos estudantes do 2º ano do Ensino Médio da rede pública de Teresina foi planejada com o intuito de alcançar os objetivos traçados na atividade “Explorando nossas raízes: desenhando a ancestralidade indígena do Piauí”. Para que os alunos pudessem se expressar e refletir sobre a temática de forma livre, possibilitando, também, a análise da compreensão dos estudantes sobre o debate em sala de aula e a ideologia que permeia o imaginário sobre os indígenas e a ancestralidade piauiense.

A partir dos objetivos traçados, os conteúdos da atividade foram delineados, na seguinte sequência: inicialmente, houve o planejamento do debate da ancestralidade indígena, com intuito de entender a trajetória dos nativos no estado. Em seguida, construíram-se as pontuações sobre as etnias e grupos existentes na atualidade e, por fim, identificaram-se suas influências no contexto social e cultural do Piauí. Após a escolha dos conteúdos, optou-se pela utilização dos seguintes recursos: quadro branco, pincel para quadro, folhas chamex, canetinhas coloridas e pincéis para colorir.

Pensando no desenvolvimento proveitoso da atividade “Explorando nossas raízes: desenhando a ancestralidade indígena do Piauí”, idealizou-se a ação no formato de uma roda de conversa, uma vez que o diálogo com os estudantes deveria ocorrer de forma descontraída, de modo a priorizar a escuta dos alunos sobre a temática, para que os conteúdos fossem diluídos ao longo do diálogo. Acerca disso, adotaram-se os seguintes procedimentos: introdução com a apresentação da mediadora da discussão e dos estudantes, pontuando seus componentes familiares, em seguida, o desenvolvimento da atividade, com a apresentação dos grupos étnicos que compõem o local, com a discussão da invisibilidade dos povos originários no Piauí e com

o debate das etnias existentes. Por fim, a produção e a discussão dos desenhos, dos textos e das poesias feitos pelos estudantes sobre as influências dos povos originários nos hábitos e nos costumes da sociedade piauiense.

Resultados:

A prática realizada resultou em um debate acalorado e bem recepcionado pelos estudantes, os quais, após a apresentação da mediadora da discussão, apresentaram-se enfatizando, de forma individual, seus nomes, suas metas de vida e sua composição familiar.

Seguindo o cronograma planejado, adentrou-se na discussão pelos apontamentos dos grupos étnicos que compõem a população piauiense, haja vista que os estudantes, quando questionados se havia indígenas no Piauí, mostraram-se reflexivos, posteriormente, alguns responderam que “sim”, outros que “não”. Diante da reação dos estudantes, questionou-se o porquê da dúvida sobre a problemática.

Em seguida, foi explicado que a dúvida é um dos resquícios do processo de colonização empreendido durante o século XVII na região. Nesse sentido, os estudantes, em meio ao debate com a mediadora, mostraram-se atentos ao diálogo e às novas perspectivas de desconstrução das ideias eurocêntricas, uma vez que destacaram que a colonização no Brasil simboliza, de forma violenta, a supremacia de uma cultura sobre a outra.

Aproveitaram-se dos direcionamentos dos estudantes na discussão para enfatizar a violência sofrida pelas diferentes etnias que pertenciam à região ao longo do rio Parnaíba com chegada do homem branco, o que desencadeou um processo de ressignificação cultural dos nativos com a cultura branca, levando ao apagamento de diferentes grupos étnicos ao longo da história piauiense. Diante disso, os alunos demonstraram bastante curiosidade para saber quais etnias viviam na região durante a exploração e se, na atualidade, encontravam-se ativos na sociedade piauiense.

Ressaltou-se que, dentre os grupos que se destacaram, podem ser citados: Acroá, Tremembé, Gueguê, Timbira, Jaicó, Tabajara e Pimenteiras, povos estes que eram mencionados na historiografia local como nações, devido aos seus inúmeros membros. No entanto, muitos foram violentados ou sofreram com o processo de ressignificação cultural e, desde a década de 1990, seus descendentes buscam reaver os seus reconhecimentos e direitos, como os grupos Acroá Gamela, Tapuios, Cariri (Gomes, 2020).

Além de que suas lutas por reconhecimento constatadas na contemporaneidade levam a uma realidade de emergência étnica, uma vez que os indivíduos se encontram reafirmando suas identidades, tradições e raízes indígenas, como destaca o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em Censo Demográfico de 2010, que cerca de 2.944 pessoas se autodeclararam indígenas.

Partindo desse contexto, buscou-se ouvir dos estudantes quais eram suas perspectivas em relação à luta dos indígenas pelos seus direitos, em especial, à demarcação de terra. Os alunos salientaram que a sociedade brasileira, em determinados momentos da trajetória histórica do país, silenciou e deslegitimou os direitos dos povos originários, por isso, a luta é válida e deve ser ouvida e atendida.

Nesse cenário, colocou-se em evidência que a luta pela demarcação dos povos originários piauienses simboliza, ainda, o reconhecimento de suas identidades, pois os nativos também estão conectados com as suas raízes ancestrais, a partir de suas relações com a terra. Isto é, foi explicado que os povos originários se relacionam com a terra de uma forma diferente do homem branco, na medida em que buscam a comunhão, a irmandade, o respeito e o diálogo com o ambiente em que estão inseridos (Krenak, 2019).

Diante do debate, propôs-se um momento de reflexão por meio da produção de desenhos, de poemas e de textos sobre as influências indígenas que eram percebidas no contexto social piauiense, segundo a visão dos estudantes. Os discentes receberam a proposta de forma positiva, possibilitando, assim, ao fim da atividade, a coleta de 13 desenhos, de 3 poemas e de 1 texto.

As produções dos estudantes evidenciaram alguns traços culturais indígenas que estão presentes no modo de vida piauiense, porém, que, em muitos momentos da trajetória histórica piauiense, foram esquecidos, como o hábito de deitar em redes, o entendimento do nome Piauí de origem tupi-guarani, a compreensão acerca da cajuína, que é advinda do caju - fruta de origem indígena e símbolo cultural do estado -, entre outros aspectos. Entretanto, notou-se, também, a partir dos desenhos coletados, que a reprodução da imagem do indígena ainda permanecia caricata e estereotipada no imaginário dos estudantes. Acerca disso, buscou-se comentar e problematizar, junto com os estudantes, todos os trabalhos que haviam sido produzidos, enfatizando as raízes desse imaginário e a importância de sua desconstrução.

Imagem 1: Fotos de desenhos e textos produzidos pelos alunos do 2º ano da instituição Ceti Professor Edgar Tito.



Fonte: Registros pessoais da ministrante da atividade.

Conclusão

Portanto, conclui-se que a prática “Explorando nossas raízes: desenhando a ancestralidade indígena do Piauí” proporcionou resultados positivos, uma vez que os alunos aderiram à discussão e se mostraram atentos aos questionamentos, tornando possível o processo de desconstrução, em seus imaginários, da não existência dos nativos no território piauiense, bem como da compreensão de que a cultura piauiense está imersa em símbolos que advêm de uma ancestralidade de origens indígenas, que, muitas vezes, é esquecida.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Da “selva” ao sangue à vida: o discurso historiográfico indígena no Piauí.** In: XXIX Simpósio Nacional de História, 2017, Brasília. XXIX Simpósio Nacional de História: Contra os preconceitos: história e democracia. Brasília-DF-Brasil, p.1-17.

Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017.

CERRI, Luis Fernando. Consequências para a prática do profissional de história. In: CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica:** implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 105-128.

GOMES, Helane Karoline Tavares. **Etnicidade e mobilização indígena:** estratégias de reivindicação e demarcação das áreas indígenas no Estado do Piauí (2008-2018). Vozes, Pretérito & Devir. v, 11, n. 1, p. 52-72, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Piauí: IBGE, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Paulo Henrique Couto. **As trilhas da morte:** extermínio e espoliação das nações indígenas na região da bacia hidrográfica parnaibana piauiense. Teresina: Corisco, 2002.

MOISÉS, Beatriz Perrone. **Índios livres e Índios escravos:** Os princípios da legislação indigenista no período colonial (séculos XVI e XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro (org.). **História dos Índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria municipal de Cultura: FAPESP, 1992, p. 115-132.

TERESINA, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Novo Currículo para História. Teresina: PMT, 2018.